



IMAGINAÇÃO, NACIONALISMO E LITERATURA: A CRIAÇÃO DE UM ÉPICO NACIONAL FINLANDÊS (1809 – 1849)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3907

Felipe Augusto Tkac, PUC-PR

Resumo

As diferentes formas de imaginação da organização identitária entre os humanos resultou – e resulta – em identificações variadas e muitas vezes interligadas entre si. Entretanto, os habitantes da Europa oitocentista viram o surgimento de uma forma muito singular de identidade, a “nação”. Esta que, obrigatoriamente, depende da apropriação e/ou obliteração – em vários níveis – de formas identitárias estranhas àquela, com o objetivo, sempre consciente, de criar uma entidade política *de e para* um grupo étnico específico através de um processo político chamado nacionalismo. O objetivo desta pesquisa é analisar um destes vários projetos nacionalistas, o finlandês. Mais especificamente a produção de uma obra literária que comportasse em uma plataforma escrita elementos como um passado imemorial, heroico e, especialmente, vernacular para um grupo étnico específico – homogêneo na visão dos indivíduos proponentes do projeto. Esta intenção materializou-se pela primeira vez em 1835 quando Elias Lönnrot publicou no Grão-Ducado da Finlândia sua primeira versão da obra *Kalevala*. Que aqui será analisada levando em consideração os mecanismos intelectuais e políticos que regiam os atores envolvidos com a criação da obra e seu conteúdo como material possuidor de uma narrativa específica e escolhida para um propósito. Que serviu de base para a criação de uma identidade nacional que eliminasse os elementos culturais que não pertencessem ao grupo étnico-histórico defendido pelos atores sócio-políticos que se denominavam – e denominavam outros – como finlandeses. Assim, podemos então, de maneira inicial, compreender os elementos culturais básicos que formaram o projeto nacionalista de uma elite intelectual nas primeiras décadas do Grão-Ducado da Finlândia.

Palavras Chave:

Nacionalismo finlandês;
Elias Lönnrot; *Kalevala*.

Introdução

As diferentes formas de imaginação (ANDERSON, 2008) da organização identitária entre os humanos resultou – e resulta – em identificações variadas e muitas vezes interligadas entre si. Entretanto, os habitantes da Europa oitocentista viram o surgimento de uma forma muito singular de identidade, a “nação”. Esta que, obrigatoriamente, depende da apropriação e/ou obliteração – em vários níveis – de formas identitárias estranhas àquela, com o objetivo, sempre consciente, de criar uma entidade política *de e para* um grupo étnico específico através de um princípio político¹ chamado nacionalismo (GELLNER, 2008). Esse “sistema de representação cultural” (HALL, 2015, p. 30) pretendido pelo nacionalismo se ancora, em seus estágios iniciais, na imaginação de uma identidade específica que carregue em si elementos étnico-culturais que possam ser referenciais para essa comunidade *simbólica* (*op. cit.*). Na Europa da primeira metade do século XIX esses elementos surgiram especialmente nas artes e tiveram sua “[...] expressão cultural mais óbvia na literatura e na música, ambas artes públicas, que podiam, além disso, contar com a poderosa herança do povo comum – a linguagem e as canções folclóricas”. (HOBSBAWM, 2012, p. 404).

Hall (2015) argumenta ainda que a cultura nacional é um *discurso* proferido pelos proponentes desta “nação” e, um discurso, tem a função de criar um *sentido*, este sentido que pode ser transformado

em referência para os indivíduos alvo deste discurso que podem assumi-lo como elemento *identificador*. Este sentido do discurso existe principalmente na história e na memória – no nível em que estas são assumidas como tal – dessa “nação”. Sendo assim, a “nação” existe – ou qualquer comunidade, como argumentaria Anderson (2008) – no plano da imaginação. E para Hall (2015, pp. 31-34) essa comunidade identitária específica cumpri cinco elementos principais: 1) A *narrativa da nação*, que existe nas literaturas e histórias “nacionais” e que “[...] *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação”. (Ibid., p.31); 2) as *origens, continuidades, tradições e intemporalidade* atribuídas à uma nação, elementos que fornecem uma “inquestionabilidade” existencial para essa comunidade; 3) A *invenção das tradições*², ancorada na mesma prerrogativa da anterior, mas diretamente relacionada com a ação criadora; 4) O *mito fundacional*, localizado em um tempo imemorial, que “[...] fornece uma narrativa através da qual uma história alternativa ou uma contranarrativa, que precede as rupturas da colonização³, pode ser construída”. (Ibid., p.33); 5) A ideia simbólica do *folke*⁴ puro e original, que circunscreve as fronteiras étnicas dos portadores dessa “identidade nacional”.

Smith (1996) acrescenta à questão o argumento de que devemos observar, para compreender a estrutura identitária da “nação”, a relação entre laços étnicos e nações modernas. Em especial o que ele chama de *ethnie*⁵, que não

¹ Anderson (2008) discorda desta afirmação – presente em Gellner e Hobsbawm – e propõe o estudo do nacionalismo “[...] do mesmo modo que se trata ‘parentesco’ e ‘religião’, em vez de colocá-lo ao lado do ‘liberalismo’ ou ‘fascismo’”. (ANDERSON, 2008, p. 32). Cf. Gellner, 2008, p.01-07. Cf. Hobsbawm, 2013, p.09-67.

² Aqui Hall se empresta do conceito cunhado por Hobsbawm e Ranger na obra *A invenção das tradições*.

³ Não que necessariamente todas as narrativas nacionais contemplem a colonização direta como parte de seu discurso, mas sempre haverá um elemento da subjugação pelo estrangeiro.

⁴ Conceito que em finlandês encontra seu correlato com mesmo sentido: *Suomen Kansa* (Povo finlandês).

⁵ Que ele define como a “[...] named human population of alleged common ancestry, shared memories and elements of common culture with

necessariamente é exclusiva da forma identitária da “nação”, mas é parasitária a ela. Para tanto, Smith divide três etapas fundamentais para a constituição dessa comunidade étnica (*ethnie*) e sua relação com uma comunidade “nacional”,

[...] a purificação da cultura através da autenticação, o qual pode levar a exclusão cultural ou social; a universalização étnica do [povo] escolhido (*chosennes*) através da ideologia nacionalista, o qual engendra solidariedade nacional e autoafirmação; e a territorialização da memória compartilhada, a qual inspira reivindicações históricas de terras natais históricas e locais sagrados. (SMITH, 1996, p. 445, tradução nossa, grifo nosso)⁶

Essas três categorias mencionadas (*purificação da cultura; universalização do escolhido; territorialização da memória*) são, segundo o autor, características humanas comuns que não estão circunscritas em um limite espacial ou temporal, entretanto, elas estão presentes na categoria identitária da “nação”. Revisitaremos a frente estes conceitos e colocações citados acima para compreender melhor a posição do objeto estudado aqui.

Desta forma, o objetivo desta pesquisa é analisar um destes vários projetos nacionalistas, o finlandês. Mais especificamente a produção de uma obra literária que comportasse em uma plataforma escrita elementos como um passado imemorial, heroico e, especialmente, vernacular para um grupo étnico específico – homogêneo na visão dos indivíduos proponentes do projeto.

Lönnrot, *Kalevala* e a questão da

a link to a specific territory and a measure of solidarity”. (SMITH, 1996, p. 447).

⁶ Texto original: “[...] the purification of culture through authentication, which can lead to cultural and social exclusion; the universalization of ethnic chosenness through nationalist ideology, which engenders national solidarity and self-assertion; and the territorialization of shared memory,

identidade nacional

Para compreender as origens da obra literária, do gênero épico, *Kalevala*, precisamos em primeiro lugar observar o contexto histórico em que seu compilador/autor, Elias Lönnrot, estava inserido, buscando sua historicidade e instabilidade e, *através* do épico, sua representação e os mecanismos que regem a inscrição e transmissão desse discurso (CHARTIER, 1999).

O Estado independente da Finlândia como conhecemos contemporaneamente só surgiu no bojo das Revoluções Russa de 1917. Anteriormente a esses acontecimentos, o território conhecido como Finlândia e um estado plenamente soberano finlandês, nunca existiu. Bosley (2008, p. XIX, tradução nossa)⁷ escreveu que “os finlandeses entraram na história registrada em 1155, quando o rei sueco Eric o Bom e o bispo nascido na Inglaterra, Henry de Uppsala, fizeram da Finlândia uma província da Suécia”. Por praticamente sete séculos a Finlândia esteve sob o domínio da coroa Sueca, passando para o domínio da Rússia czarista somente no ano de 1809, momento este que forneceu um panorama mais autônomo e fomentou ideais de independência dentro desta nova entidade política chamada Grão-Ducado da Finlândia (1809).

E Elias Lönnrot, surgiu como um agente sócio-político dentro da elite intelectual finlandesa, exatamente dentro do contexto pós-Guerras Napoleônicas, e poderia *somente* dentro deste, pois o recém-criado Grão-Ducado da Finlândia gozou de duas características que foram definidoras para o surgimento do *Kalevala*

which inspires historical claims to historic homelands and sacred sites.” (SMITH, 1996, p. 445).

⁷ Texto original: “the Finns themselves enter recorded history in 1155, when the Swedish King Eric the Good and the English-born bishop Henry of Uppsala made Finland a province of Sweden” (BOSLEY, 2008, p. XIX).

como o foi (HONKO, 1990). A primeira dessas condições para o nascimento de um épico foi a histórico-cultural, uma necessidade de uma nova organização identitária no planeta, ou pelo menos o início dela, a identidade nacional, escorada por concepções filosóficas nascentes e influentes que corriam dentro de uma elite intelectual finlandesa (apesar de falante de sueco em sua maioria). A segunda, a política, se refere a posição *temporal* perfeita do Grão-Ducado da Finlândia em relação à primeira condição, uma entidade política autônoma – mesmo que não independente – em consonância com um esforço intelectual e político (HONKO, 1990). Sendo assim, o recorte temporal escolhido se justifica pela criação, fundamental, de uma entidade política autônoma, o Grão-Ducado da Finlândia, em 1809, que gozava não só de auto-gestão interna, mas agora também de *reconhecimento* “horizontal” entre as nações (SINGLETON, 1996) e termina em 1849, ano em que Elias Lönnrot publica a versão final e mais completa do *Kalevala*.

Elias Lönnrot nasceu em 09 de abril de 1802 na paróquia de *Summatti* no sul finlandês, filho de um alfaiate de classe média. Em 1822 conquistou uma bolsa de estudos para a Academia de Turku (*Åbo Akademi* em sueco), onde “[...] ele estudou as línguas clássicas (Latim, Grego e Hebreu) além de russo. Matemática, história, retórica, literatura grega, física, literatura oriental, história da literatura e filosofia estavam entre os outros assuntos que lhe foram ensinados (ERSOY, 2012, p. 27, tradução nossa).⁸ E em 1827, ainda na Academia de Turku, ele submeteu sua dissertação sobre tradição oral do *folk* finlandês, intitulada *Väinämöisestä*,

muinaissuimalaisten jumalasta, (Sobre Väinämöinen, um deus dos antigos finlandeses). No mesmo ano, Lönnrot “[...] Foi obrigado a concluir os seus estudos em Helsinki, depois do incêndio em Turku em 1827, ele entrou em contato com um grupo de jovens intelectuais que compartilhavam o seu interesse pelas tradições folclóricas finlandesas”. (SINGLETON, 1998, p. 71, tradução nossa)⁹. Ao mesmo tempo em que escrevia sua tese de doutorado em 1832, *Suomalaisten tainomaisesta lääketaidosta* (Sobre mágica na medicina finlandesa) (ERSOY, 2012); (SINGLETON, 1998), Lönnrot também estava agora inserido no mesmo espaço onde outros entusiastas da tradição *folk* levavam suas pesquisas – e nessa época já havia feito duas viagens de campo (a terceira foi no mesmo ano, mas depois do doutoramento) para coleta dos poemas do *folk* nas comunidades camponesas.

Esse interesse na figura mítica *quasi*-histórica de Väinämöinen (que veio a ser *o* herói do *Kalevala*) não era exclusividade de Lönnrot. Curiosamente, ele sofreu grande influência em Helsinki de um grupo que – também saiu de Turku após o grande incêndio de 1827 – foi uma importante fonte para a construção da identidade nacional finlandesa. Estes automeavam-se os Românticos de Turku, preocupados com a questão da *Finnishness*¹⁰ e com a “nação” finlandesa, tinham um programa inicial com três prerrogativas basilares, “primeiro, queriam construir o orgulho nacional ao exaltar o passado da Finlândia. Segundo, incentivaram os falantes de sueco a aprenderem e utilizarem o finlandês. Terceiro, incentivaram o desenvolvimento

⁸ Texto original: “[...] he studied the classical languages (Latin, Greek and Hebrew) besides Russian. Mathematics, history, rhetoric, Greek literature, physics, Eastern literature, history of literature and philosophy were among the other subjects that were taught (ERSOY, 2012, p. 27).

⁹ Texto original: “[...] was forced to complete his studies in Helsinki, following the fire in Turku in

1827, he came into contact with a group of young intellectuals who shared his interest in Finnish folk traditions.” (SINGLETON, 1998, p. 71).

¹⁰ *Finnishness* significando a qualidade ou característica de ser finlandês, aqui sem possibilidade de tradução adequada.

da literatura em língua finlandesa”. (LAVERY, 2006, pp. 56-57, tradução nossa)¹¹. Após muitos destes intelectuais se estabelecerem em Helsinki o grupo mudou de nome, primeiro para “A Sociedade de Sábado” e em 1831 fundaram – incluindo Lönnrot – a “Sociedade de Literatura Finlandesa” (*Suomalaisen Kirjallisuuden Seura*)¹² (LAVERY, 2006), mas sem perder as diretrizes iniciais estabelecidas pelo grupo original de Turku. De acordo com Lavery (2006) além do financiamento para a coleta da tradição oral dos camponeses a Sociedade tinha outro objetivo mais amplo quando

[...] foi fundada em 1831 com a tarefa específica de publicar e financiar a ininterrupta coleta de tradição oral do campesinato, além de um desejo mais idealista de promover a literatura em língua finlandesa e de estabelecer o finlandês como uma língua paralela na educação e na função pública – na época em que o sueco e o latim governavam supremamente entre os alfabetizados, complementados pelo alemão, francês e russo dos comerciantes, da nobreza e da administração superior. (FEWSTER, 2006, p. 96, tradução nossa)¹³

Lönnrot durante suas viagens a campo, influenciado por esses mesmos preceitos, coletou grande quantidade de poemas de camponeses iletrados e, especialmente quando se tratava de

bardos¹⁴ reconhecidamente famosos por sua – suposta – capacidade de memorizar os poemas em sua forma tradicional, Kuusi escreveu que

Na opinião de Elias Lönnrot, os grandes cantores da Carélia russa — Arhippa Perttunen de Latvajärvi e Ontrei Mahnen de Vuonninen — mantiveram-se relativamente próximos dos poemas antigos. Ele assim, em grande medida, construiu a trama central do Kalevala baseado no épico daqueles e utilizou poesia de outras áreas para preencher as lacunas, alcançando assim épica amplitude e detalhe. (KUUSI, 1990, p. 143, tradução nossa)¹⁵

Aqui é interessante notar a existência do bardo não como o portador da narrativa de *uma* história, mas o portador da narrativa *da* história, seria o responsável pela manutenção de uma história onipresente e inalterada, desta forma não haveria, por assim dizer, “diferentes formas” de contar a história, somente indivíduos mais capazes de contar – ou cantar nesse caso – a *mesma* história. Honko (1990) cita um trecho muito interessante escrito por Lönnrot no prefácio do *Kanteletar*¹⁶ relacionado à esta perspectiva e que responde o porquê Lönnrot deu grande importância à alguns bardos e menos a outros

O solo que os nutre é a mente e o pensamento, as sementes das quais brotam

¹¹ Texto original: “first, they wanted to build national pride by exalting Finland’s past. Second, they encouraged Swedish speakers to learn and use Finnish. Third, they encouraged the development of Finnish-language literature”. (LAVERY, 2006, pp. 56-57)

¹² Nome e instituição que permanecem ainda hoje.

¹³ Texto original: “[...] was founded in 1831 with the specific task to publish and finance the continued gathering of oral traditions of the peasantry, besides a more idealistic wish to promote literature in the Finnish language and to establish Finnish as a parallel language of education and the civil service – at the time when Swedish and Latin ruled supreme among the literate, complemented by the German, French

and Russian of the merchants, nobility, and higher administration” (FEWSTER, 2006, p. 96).

¹⁴ Indivíduo, nas culturas europeias, responsável por contar histórias, mitos ou lendas, tanto pela fala normal quanto pelo canto. A manutenção das narrativas dava-se, para os bardos, através do repasse da *tradição oral* através das gerações.

¹⁵ Texto original: “In Elias Lönnrot's opinion the great singers of Russian Karelia — Arhippa Perttunen of Latvajärvi and Ontrei Mahnen of Vuonninen — had kept relatively close to the ancient poems. He thus to a great extent constructed the central plot of the Kalevala on the basis of their epic and used poetry from other areas to fill in the gaps, thus achieving epic breadth and detail” (KUUSI, 1990, p. 143).

¹⁶ Uma segunda coletânea de poemas do *folk* finlandês publicada por Lönnrot em 1840.

todas as formas de disposição. Mas como a mente, os pensamentos e as disposições estão em todos os tempos e em todas as pessoas como um só, desta forma os poemas que nascem deles não são a propriedade especial de um ou dois, mas comuns à nação como um todo. (LÖNNROT [1840] *apud* HONKO, 1990, p. 213, tradução nossa)¹⁷

Essa visão de Lönnrot em relação a estes “finlandeses originais” e sua suposta propriedade dos mitos de origem inalterados, ajudou-o a formar a versão final do *Kalevala* em 1849. A filosofia romântica, especialmente as obras de Herder, influenciaram uma geração de intelectuais finlandeses no início do século XIX e por consequência o próprio Lönnrot.

Mitos são uma manifestação estrutural da longa duração da cultura, “de fato, podemos até ver a mitologia como uma ‘prisão de longo prazo’ - como Fernand Braudel caracteriza as mentalidades - que perdura até mesmo as mudanças históricas mais radicais e continuamente leva o passado para o presente” (SIKALA, 2002, p. 16, tradução nossa)¹⁸. Isso era uma realidade para os camponeses da Carélia, mas não,

necessariamente, para Lönnrot, ou pelo menos não os *mesmos* mitos. O que Lönnrot fez foi transportá-los para uma outra estrutura social (a “nação”) e outra plataforma (a escrita). Mas essa obra surgiu em primeiro lugar, pelo que Honko (1990) chamou de “crise de identidade”, resultado da ascensão política do Grão-Ducado da Finlândia, agora em “equidade” – pelo menos no nível ideológico – à Suécia ou Rússia no plano das “nações”. Desta forma, havia uma urgente necessidade de provar que essa “equidade” também se refletiria na cultura, “a língua finlandesa teve que ser elevada de sua posição inferior e transformada na língua da cultura, a literatura em finlandês teve que ser criada, e material coletado para uma nova espécie de história finlandesa”. (HONKO, 1990, p. 190, tradução nossa)¹⁹. Lönnrot no prefácio de um de seus livretos *Kantele*, escreveu que esses poemas poderiam ser um meio para descobrir a história “sobre as vidas e o modo de vida dos nossos antepassados” (LÖNNROT *apud* KAUKONEN, 1990, p. 158, tradução nossa)²⁰.

O *Kalevala* foi publicado pela primeira vez, em língua finlandesa²¹, em

¹⁷ Texto original: “The soil that nurtures them is the mind and thought, the seeds from which they spring all manner of dispositions. But since the mind, thoughts and dispositions are at all times and in all people as one, then the poems that are born of them are not the special property of one or two but common to the nation as a whole” (LÖNNROT [1840] *apud* HONKO, 1990, p. 213).

¹⁸ Texto original: “In fact, we can even view mythology as a “long-term prison” - as Fernand Braudel characterizes mentalities – which endures even the most radical historical changes and continuously carries the past into the present”. (SIKALA, 2002, p. 16).

¹⁹ Texto original: “the Finnish language had to be raised from its inferior position and made the language of culture, literature in Finnish had to be created, material collected for a new species of Finnish history.” (HONKO, 1990, p. 190).

²⁰ Texto original: “on the lives and way of life of our forefathers” (LÖNNROT *apud* KAUKONEN, 1990, p. 158)

²¹ Essa colocação da língua no século XIX no Grão-Ducado da Finlândia como elemento central de um processo que Smith (1996) chamou de “purificação da cultura” fica evidente na famosa declaração do filósofo Johan Vilhelm Snellman (1806-1881) que – pelo fato de nunca ter aprendido a escrever em finlandês – a redigiu originalmente em sueco: “Nós já não somos mais suecos; não podemos nos tornar russos: devemos ser finlandeses; e mais além: O sueco é a língua dos suecos, russo dos russos; não deveriam os finlandeses ter o direito de possuir sua língua, e felizmente eles possuem tal. Mesmo a percepção de que esta unidade nacional da língua é uma condição necessária para a sobrevivência da Finlândia é evidente”. (SNELLMAN, 1861, p. 146 *apud* FEWSTER, 2006, p. 116, tradução nossa). Texto original: “We are no longer Swedes; we cannot become Russians: we must be Finns; and further: Swedish is the language of the

1835 e posteriormente reeditado por Lönnrot e publicado novamente em 1849 em uma versão mais completa e conhecida como o “Novo *Kalevala*”, dividido em 50 poemas (ou Runas, em finlandês *runot*) com um total final de 22,795²² linhas de poemas do *folk* finlandês. Sua estrutura narrativa – cuidadosamente organizada por Lönnrot – segue uma certa cronologia, e se passa em dois “territórios” distintos, as Terras de Väinö também chamada de Kalevala ou Finlândia e as Terras do Norte, também referida como Pohjola, Sariola, Turja ou Lapônia²³. Essa divisão também é o tema central das disputas e estabelece a identidade e diferença de todos os personagens que não são do mundo espiritual. Isso pode ser percebido logo no início quando Väinämöinen (O Bardo e principal herói do épico, primeiro homem e fundador de Kalevala – Finlândia) se perde nas Terras do Norte (Governadas por Louhi, uma figura amorfa, as vezes referida como bruxa) e clama a Deus (Geralmente referido como Velho Homem, corresponde a *Ukko* na mitologia finlandesa) que o mostre o caminho de volta

If only sweet God would grant	Se apenas querido Deus pudesse conceder
the kind Creator allow	o cordial Criador permitir
me to come to my own lands	que eu possa retornar às minhas terras
the lands where I used to live!	as terras onde eu costumava viver!

Swedes, Russian of the Russians; should not the Finns have a right to own their language, and luckily they do own a such. Even the insight, that this national unity of the language is a necessary condition for the survival of Finland, stands clear by that.” (SNELLMAN, 1861, p. 146 *apud* FEWSTER, 2006, p. 116).

²² Tanto na versão original em finlandês quanto nas traduções, pois, os poemas não contém rima

Better in your country	Melhor em seu país
even water off your sole	até água da sola de seus pés
than in a foreign country	do que em um país estrangeiro
honey from a golden bowl.	mel de uma tigela de ouro.
(7:281-288)	(7:281-288, tradução nossa)

Essa exaltação da diferença entre Kalevala e Pohjola segue de maneira a criar uma visão dos habitantes desse norte como agressivos, selvagens e perigosos. Como a mãe de Lemminkäinen (Outro herói, caracterizado pela sua impulsividade e beleza) o adverte quando ele pretende partir para Pohjola

There a Lapp will sing, a man	Lá um Lapão irá cantar, um homem
of Turja will shove your face	de Turja irá empurrar sua face
into coal, head into clay	no carvão, cabeça no barro
and into dust your forearms	e na poeira seus antebraços
your fist into hot ashes	seu punho em cinzas quentes
and burning boulders.	e pedregulhos ardentes.
(12:137-142)	(12:137-142, tradução nossa)

Ao mesmo tempo em que o Norte é sinônimo de barbarismo na narrativa, é lá que se encontra também a

nem estrofe, então a tradução deve seguir a colocação das palavras nas linhas originais da sequência (BOSLEY, 2008)

²³ Região no norte da Finlândia que é habitada, ainda hoje, por um grupo étnico diferente dos “finlandeses”, os *Sámi*, população autóctone das áreas ao norte do Círculo Polar Ártico na Europa.

terra dos mortos, Tuonela. Ersoy argumenta que

[...] nós podemos observar que a paisagem do Kalevala é também dualista, como é ‘construído sob a tensão entre o lar e o estrangeiro, vila e floresta, o domicílio familiar e a mítica Pohjola’ [...] Portanto, o épico parece apontar para as fronteiras entre o eu e o outro, sujeito e objeto, cultura e natureza, bem como diferentes religiões. (ERSOY, 2012, p. 48, tradução nossa)²⁴

E que as repetidas aventuras dos heróis às terras do Norte – ou mesmo à Tuonela – enfatizam a ideia de pertencimento e identidade, pois todos se juntam a um objetivo comum contra um inimigo comum, desta forma percebendo sua identidade conjunta pela oposição ao estrangeiro.

Outro elemento que pode ser notado no épico é a presença de um Deus (com D maiúsculo mesmo) que é onipresente e onipotente. Que atende os pedidos dos heróis, quando nenhuma outra entidade espiritual conseguiu. Um exemplo é quando Lemminkäinen – após retornar ao Norte em busca de vingança por não ter sido convidado para um casamento – mata o senhor do Norte e encontra-se cercado e perdido, quando pede a Deus

O Old Man, good god	Oh Homem, deus	Velho bom deus
careful man of heaven	cauteloso do	homem paraíso
keeper of storm clouds	guardião nuvens	das de
and governor of vapours:	tempestade	
make misty weather	e governador vapores:	dos
	faça o	clima
and create a tiny		

cloud	nebuloso
in whose shelter I may go	e crie uma pequena nuvem
wend my way homeward [...]	na qual eu encontrarei abrigo para meu caminho de volta para casa
(28:37-44)	(28:37-44, tradução nossa)

Deus atende sua prece e ele volta para casa. Aqui é interessante notar que Deus sempre atende os pedidos feitos pelo povo da Carélia (Isso acontece em várias ocasiões – fica muito claro também no canto 30:461-480). A ideia da *universalização do escolhido*, colocada por Smith (1996) fica clara nestes trechos, mas não em seus termos *nacionais*, e sim, ainda para a cultura camponesa produtora desses cantos (pois para Smith a universalização do escolhido não é um elemento exclusivo da nação, mas sim originalmente religioso), entretanto, esta concepção *se torna* nacional quando a equiparação entre a cultura destes camponeses e uma cultura “nacional” é estabelecida, aí então este *folke* torna-se *Suomen Kansa* em seus termos nacionais. Mas apesar de ter sido atendido, o imprudente herói não retorna para casa, permanece no estrangeiro, mas nada disso se mostra suficiente para ele, então ele decide voltar para sua terra, mesmo sabendo dos possíveis riscos capitais:

Here’s why I, Lemminkäinen	Aqui está o porquê eu, Lemminkäinen
Left, departed, best of men:	melhor dos homens deixei, parti:
I have felt a keen longing–	eu senti uma grande saudade –
A longing for my	

²⁴ Texto original: “[...] we can observe that the landscape of the Kalevala is also dualistic, as it is ‘built on the tension between the home and the alien, village and forest, the family homestead and

the mythical Pohjola” [...] Therefore, the epic seems to point to the borders between self and other, subject and object, culture and nature as well as different religions”. (ERSOY, 2012, p. 48)

own lands [...] (29:369-372)
 Uma saudade por minhas terras [...] (29:369-372, tradução nossa)

Quando o aventureiro em exílio, decide navegar de volta para sua terra natal, avista a costa e sabe que está em casa, não porque enxerga sua cabana ou sua fazenda, na verdade ele não sabe para que direção sua fazenda está, mas sim porque ele *reconhece* sua terra

Then wanton Lemminkäinen	Então inconsequente Lemminkäinen
when he arrived home	quando ele chegou em casa
knew the lands and knew the shores	conheceu as terras e conheceu as costas
both the islands and the straights	tanto as ilhas quanto as retas
knew his old moorings	conheceu seus velhos ancoradouros
places where he used to live;	lugar onde ele costumava viver;
the hills he knew with their pines	as colinas com seus pinheiros ele conheceu
all the mounds with their spruces	todos os morros com seus abetos
but he does not know where his cabin is, where his wall stands:	mas ele não sabe onde sua cabana está, onde seu muro se firma:
(29:453-462)	(29:453-462, tradução nossa)

Aqui podemos observar outra das tendências apontadas por Smith (1996), a *territorialização da memória*. Memória coletiva ligada à um espaço territorial específico e, por consequência, à suas paisagens. Novamente aqui, utilizasse

de uma característica humana universal, a familiaridade à um determinado espaço, obviamente presente nos camponeses da Carélia também, e a transformação desta em espaço “nacional” neste sofisticado jogo *mental* chamado “território nacional”. Obviamente o *Kalevala* não fez isto em si, mas foi feito a partir dele.

No canto 43, o épico encontra-se no seu ápice, quando Väinämöinen, Ilmarinen e Lemminkäinen, roubam o Sampo – objeto mágico sem forma definida forjado por Ilmarinen, o herói ferreiro – de Pohjola, e estão navegando de volta para Kalevala quando Louhi se transforma em uma criatura voadora e inicia uma batalha pela posse da relíquia, Väinämöinen golpeia Louhi e seus soldados (que estão montados nela) e a derruba, mas na queda ela bate no Sampo e o quebra em vários pedaços. Louhi retorna de mãos vazias e sem a relíquia da prosperidade, mas esse destino não se aplica para Kalevala e seus habitantes, os pedaços do Sampo são levados pelo mar e pelo ar – ambas entidades espirituais – para a costa da terra dos heróis, então Väinämöinen exclama

Out of this a seed will spring	Desta semente irá surgir
constant good luck will begin;	boa sorte constante começará;
from this, ploughing and sowing	disso, lavoura e semeadura
from this, every kind of growth	disso, todo tipo de crescimento
out of this the moon to gleam	desta lua para reluzir
the sun of good luck to shine	o sol da boa sorte para brilhar
on Finland's great farms	nas grandes fazendas da Finlândia
on Finland's sweet lands!	nas queridas terras

(43: 297-304)	da Finlândia!	power. At that	momento
	(43: 297-304, tradução nossa)	Väinämöinen was angry–	Väinämöinen estava bravo
		he was angry and ashamed	ele estava bravo e envergonhado
		and he stepped away	e ele se retirou
		towards the shore of the sea	em direção a costa do mar
		and there he started singing	e lá ele começou a cantar
		sang for the last time–	cantou pela última vez
		[...]	[...]
		[...] but he	[...] mas ele
		Left the kantele behind	deixou o kantele para trás
		The fine music for Finland	a fina música para a Finlândia
		For the folk eternal joy	para a eterna alegria do povo
		The great songs for his children.	as grandes canções para suas crianças.
		(50:475-484, 508- 512)	(50:475-484, 508- 512, tradução nossa)

Após a batalha que consagra a vitória do “bem” conta o “mal” (Kalevala contra Pohjola) enfim a Finlândia pode prosperar sob os auspícios do Sampo e de Deus. Mas há ainda um elemento essencial a ser cumprido na narrativa composta por Lönnrot, a conexão entre esse passado mítico, de heróis, batalhas, magias e “paganismo” para uma era moderna e, principalmente, cristã. Desta forma, no último canto o foco recai sob Marjatta, uma jovem virgem que engravidou após comer um Mirtilo-vermelho, em desespero, ela, com a ajuda de uma serva – já que seus pais a rejeitaram como impura – procura um lugar para dar à luz, recorrem a Herod, o feio, mas sua esposa não aceita, entretanto, indica o local onde o parto deve acontecer, um estábulo, onde Marjatta dá à luz a um menino. Em seguida Marjatta o perde por um tempo e o reencontra em um pântano²⁵ e logo em seguida – de maneira inédita até este ponto na narrativa – procura-se alguém para batiza-lo. Um homem, Virokannas – que segundo Bosley (2008) representa “João Batista” – se prontifica. Mas declara que alguém deve julgar o menino antes de batiza-lo. Väinämöinen se prostra a fazê-lo, e faz com tom de ressentimento e inveja, o menino responde – mesmo tendo semanas de vida apenas – de maneira agressiva e então abruptamente Virokannas o batiza

The old man quickly christened	O velho homem rapidamente nomeou
And briskly baptized the child	e vigorosamente batizou a criança
king of Karelia	rei da Carélia
guardian of all	guardião de todo poder. Naquele

Este último ato é essencial para o duplo propósito do *Kalevala*, pois estabelece o tão necessário “passado mítico nacional” (em consonância com seus pares europeus) e de quebra introduz a chegada da “civilização e da cristandade” que foi responsável por elevar a “Finlândia” ao mundo das “nações modernas”.

Considerações Finais

Esta obra única, que foi resultado de um esforço conjunto e de desejos identitários compartilhados, serviu

²⁵ Bosley (2012) comenta que isto é uma referência a ressurreição de Cristo.

de matéria-prima para uma infinidade de manifestações “nacionais” durante décadas a vir. O *Kalevala* em si não motivou as massas do *Suomen Kansa* à adotarem a identidade “nacional” finlandesa, como sua primeira e mais importante ligação identitária de reconhecimento e pertencimento, mas sim, foi um dos principais *instrumentos* com o qual homens e mulheres dedicados à construção da identidade nacional, conscientemente forjaram uma moldura mais ou menos definida do que é e não é verdadeiramente “finlandês”, e por consequência, quem é e quem não é verdadeiramente “finlandês”.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BOSLEY, Keith. Introduction. In: LÖNNROT, Elias. **The Kalevala**. 3. Ed. New York: Oxford University Press, 2008. p. 13-54. Tradução de: Keith Bosley.
- CHARTIER, Roger. História e Literatura. *Topoi*, nº 1, pp. 197-216. Rio de Janeiro, 1999.
- GELLNER, Ernst. **Nations and Nationalism**. 2nd Edition. Ithaca: Cornell University Press, 2008.
- HALL, Stuart. As culturas nacionais como “comunidades imaginadas”. In: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 29-38.
- HOBSBAWM, Eric. **A era das revoluções, 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- HONKO, Lauri. The Kalevala: The Processual View. In: HONKO, Lauri (Org.). **Religion, Myth and Folklore in the World's Epics: The Kalevala and its Predecessors**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1990.
- SINGLETON, Fred. **A Short History of Finland**. Cambridge University Press: Cambridge, 1998.
- SMITH, Anthony D. Culture, Community and Territory: The Politics of Ethnicity and Nationalism. **International affairs** 72, 3, 445-458. University of Vienna: Viena, 1996.
- LÖNNROT, Elias. **The Kalevala**. 3. Ed. New York: Oxford University Press, 2008.
- KAUKONEN, Väinö. The Kalevala as Epic. In: HONKO, Lauri (Org.). **Religion, Myth and Folklore in the World's Epics: The Kalevala and its Predecessors**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1990.
- KUUSI, Matti. Epic Cycles as the Basis for the Kalevala. In: HONKO, Lauri (Org.). **Religion, Myth and Folklore in the World's Epics: The Kalevala and its Predecessors**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1990.
- LAVERY, Jason. **The History of Finland**. Greenwood Press: London, 2006.
- SIKALA, Anna-Leena (Ed.). **Myth and Mentality: Studies in Folklore and Popular Thought**. Finnish Literature Society. Studia Fennica. Folkloristica 8: Helsinki, 2002.
- ERSOY, Ersev. **Social Reality and Mythic Worlds: Reflections on Folk Belief and the Supernatural in James Macpherson's Ossian and Elias Lönnrot's Kalevala**. Data de defesa: 2012. 309 páginas. Tese (PhD) - University of Edinburgh: Edimburgo, 2012.
- FEWSTER, Derek. **Visions of a Past Glory: Nationalism and the Construction of Early Finnish History**. Studia Fennica Historica 11. 2nd Edition. Finnish Literature Society. Tammer-Payno Oy: Tampere, 2006.